

OS PRINCÍPIOS DO M.A. E O MOMENTO ESTUDANTIL EM COIMBRA

Na base de muitas questões ultimamente surgidas entre nós encontra-se um certo desconhecimento do que é o *Movimento Associativo*, dos seus princípios. Essa ignorância é justificada: o MA tinha no fascismo um poderoso inimigo. No dia 25 de Abril só quatro Associações de estudantes se encontravam abertas. A grande maioria dos estudantes de Coimbra não tomou contacto com o funcionamento normal de uma Associação senão nos últimos meses.

Na actual situação política do País, onde a intervenção dos estudantes na vida nacional adquire aspectos totalmente novos e complexos é normal que os princípios do MA sejam questionados, que o debate não seja fácil. Mas uma coisa são os entraves que o debate sofre por aqueles que nele estão interessados não terem na mão todos os dados necessários. Outra coisa muito distinta é a existência de grupos que jogam deliberadamente nessa ignorância para mistificar os problemas.

COMO AS AA.E.E. CRESCERAM E SE MANTIVERAM UM BASTIÃO DA LUTA

ESTUDANTIL DE MASSAS CONTRA O FASCISMO.

Foi em torno das AAEE que se organizaram e desenvolveram as maiores lutas estudantis. As grandes manifestações de 1958 fizeram-se contra o decreto nº 44 632 que punha em causa a sobrevivência associativa; a crise de 1962 ponto alto do MA português e sua referência obrigatória durante muitos anos, foi parte do amplo movimento popular de massas que varreu o nosso país em 62-63 e encontrou nas Associações o ponto de agregação; a ofensiva de 1965 contra os estudantes de Coimbra centrou-se na sua AAC; a greve a exames de 1969 foi uma nova fase, qualitativamente superior de organização e movimentação de massas. Aí se estabeleceram na prática os elos entre a organização nos *Cursos e Faculdades* e a Associação.

Em todos estes casos a Associação revelou-se a estrutura representativa dos estudantes, pulverizou as organizações do governo (MP) que procuravam absorvê-las, atrofiá-las, atraí-las para a sua órbita, reduziu à "clandestinidade" os grupos fascistas (F.E.N.; J.P.; A.N.S.A., etc).

Foi através da fidelidade aos princípios de arreligiosidade, apartidarismo, democraticidade que elas puderam ter esse papel, que souberam impôr a UNICIDADE e REPRESENTATIVIDADE - existência de apenas uma associação representativa de todos os estudantes.

O apartidarismo é hoje um dos pontos mais controversos e aquele que necessita de mais ponderação. A este princípio básico chamou-se também neutralidade e apoliticismo, na história do M.A. dos estudantes portugueses.

Importante é lembrar, hoje que a colúnia tende a substituir a análise que nunca os estudantes confundiram apoliticismo com actuações no sentido de *moldagem de indivíduos despolitizados*.

Um artigo do Boletim da AAC de 1965 definia-a como "*condição de robustecimento, força aglutinadora*", "*princípio que baseia a unidade de estudantes de ideologias diversas*", "*dinamicamente ligado às circunstâncias históricas e à vontade de quantos em cada momento são estudantes*". Nunca se podendo confundir "*com qualquer espécie de pressão dirigida ao amorfismo individual*". Muito pelo contrário, será mesmo o ideal que as AAEE possam ser *organismos incentivadores dum de-*

bate, dum diálogo, capazes de conduzirem cada um a uma maior coerência e lucidez dentro das suas posições".

O apartidarismo exige que cada estudante, independentemente da sua filiação partidária - ou de não ter nenhuma - possa participar da vida associativa, e seja e seja eleito para os corpos gerentes. No plano externo exige que a Associação não seja o órgão de um Partido ou Partidos.

É isto que assegura a base de massas do M.A.

A democraticidade do funcionamento de uma Associação está intimamente ligada a este ponto. Se a Direcção é eleita e revogável a todo o momento, se os estudantes controlam a sua actividade, se definem as linhas gerais da actuação, então estão preservadas as condições para o seu carácter unitário.

Significativo é que nas alterações levadas a cabo nos estatutos das organizações estudantis na sequência da crise académica de 62, as autoridades fascistas terem feito desaparecer a expressa consagração do princípio da apoliticidade de.

Neste momento, em que existem entre os estudantes organizações políticas estes problemas atingem particular acuidade: Nós achamos que na situação actual em Portugal em que se põe na ordem do dia aos estudantes, juntar a sua luta à luta do Povo Português, é um imperativo histórico *defender o carácter unitário do M.A., a sua base de massas.*

Achamos que é um grave erro a redução caricatural do Movimento Associativo aos agrupamentos políticos existentes no seu seio e a Associação de Estudantes à sua base logística.

Todos os problemas são políticos ou envolvem opções políticas. Diferendos sobre questões técnicas, aparentemente neutrais, escondem quase sempre questões políticas.

Quando dizemos que os estudantes têm que vencer o seu isolamento, acompanhar o ritmo do movimento popular de massas, implantar nas Universidades uma ordem democrática, caminhar por uma Reforma Geral e Democrática do Ensino que coloque as Universidades ao serviço do Povo Trabalhador, estamos a falar de política. Como política é a posição do estudante que se alheia dos problemas nacionais. Mas estes objectivos (políticos), são objectivos gerais de milhares e milhares de estudantes portugueses independentemente do facto de terem esta ou aquela opção partidária ou de ainda não terem nenhuma. Estes objectivos devem ser discutidos, aprovados, levados à prática no seio dos organismos unitários estudantis (as AAEE).

Não compreender isto é *grupuscularizar* a actuação estudantil, destruir o M.A. dos Estudantes Portugueses, macaquear a actividade estudantil nas democracias burguesas.

Tem muita graça transformar o M.A. num Parlamento para uso das minorias activistas organizadas partidariamente e para gozo das maiorias relegadas ao papel de espectadoras. Parece mesmo a França, ou a Alemanha Federal ou qualquer outra democracia burguesa onde a ideologia dominante difundida no seio dos estudantes paralizou a sua iniciativa de massa.

Não tem graça nenhuma se tomarmos consciência de estar em Portugal, onde a verdadeira democracia se constrói e a descolonização avança contra a ameaça de reacção detentora ainda do poder económico e do imperialismo ameaçador e provocante, onde a colocação dos estudantes na luta de classes é decisiva.

EM FRENTE NA DEFESA DOS PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO
POR UM MOVIMENTO ASSOCIATIVO UNITÁRIO DE MASSAS
ESTUDANTES AO LADO DO POVO TRABALHADOR